

Varejista teme colapso de abastecimento

O abastecimento de aproximadamente 1.300 empresas do setor varejista do Plano Piloto, cidades-satélites e região geoconômica, pode entrar em colapso total dentro de dez dias, caso o Governo Federal não tabelle, para o setor atacadista que atende diretamente a mais de 80% do comércio em Brasília, os produtos básicos. Os sete principais atacadistas do DF, que abastecem a quase totalidade do varejo em Brasília, anunciaram essa semana que "não é mais possível, na prática, continuar o abastecimento de produtos básicos, com margens de lucratividade negativa de 10 a 15%".

O maior atacadista do Núcleo Bandeirante, Luis Corrêa, proprietário da empresa "Minipreços Atacadista", revelou ontem, com a tabela da Sunab na mão, que "hoje nós compramos um fardo de 30 kg de arroz longo fino tipo A por Cz\$ 235,87 e vendemos por Cz\$ 204,90, o que corresponde a 5 sacos de 5 kg. Ele afirma que "a raiz da crise está na falta do tabelamento para o setor atacadista, dessa forma, não existe reajustamento de preços que acompanhe a alta no setor industrial e varejista".

Espera

Luis Corrêa prevê que a primeira consequência de um não-tabelamento seria a estagnação do abastecimento do comércio, não propriamente nos 200 supermercados do DF, que "possuem lastro para se abastecerem com o atacado de Rio, São Paulo e Minas Gerais, via Ceasa, mas as micro e pequenas empresas que seriam atingidas em cheio, porque elas dependem exclusivamente do nosso setor", diz Luis Corrêa. Ele afirma que os sete atacadistas do Núcleo Bandeirante "estão se mantendo com um supermercado inaugurado em novembro", mas com a baixa do estoque atual "não será mais viável comprarmos mercadoria nova e continuarmos com um lucro negativo". Ele adianta que se não houver um acordo entre o setor e a Sunab, os atacadistas "mudarão para outras mercadorias, como perfumes, plásticos e etc".

Prejuízos

O proprietário do atacado Campo Grande, Valdecir Tereza da Silva, diz que "no mínimo nós precisamos de uma margem de lucro de 20% para sustentarmos a atual situação". Ele revela que "no caso do feijão, por exemplo, nós estamos comprando do produtor por Cz\$ 470 a saca e na tabela o preço está fixado em Cz\$ 430, mas acabamos pagando adicional de frete e mais 2% do vendedor. Nós não temos um sindicato que brigue pela gente, a tendência mesmo é fecharmos esse tipo de negócio e partirmos para outro". Valdecir da Silva enfatiza que as taxas aplicadas ao setor de 26% a 27%, "zeraram a nossa margem de comercialização, produzindo um déficit de 10% a 15%".

Negociação

O presidente da Associação Comercial do Núcleo Bandeirante, Sebastião Preto, diz que "a solução não é parar o abastecimento, mas tentar uma negociação imediata com o superintendente nacional da Sunab, Aluísio Teixeira". Ele revela que há 15 dias enviou ofício ao superintendente da Sunab convidando-o para uma reunião com o setor atacadista no Núcleo Bandeirante, mas não obteve resposta até o momento. Ele diz que pretende essa semana reunir o setor e "tentar uma audiência de surpresa", porque "não acredito mais em audiências marcadas". "Sem sentarmos e tentarmos uma negociação pacífica, não haverá realmente solução". Na reunião da próxima semana Sebastião Preto pretende formar uma comissão que levante todos os prejuízos decorrentes e "sem aviso prévio, procurar o superintendente da Sunab".